



**A ÁFRICA E A INTERNACIONALIZAÇÃO NAS UNIVERSIDADES
BRASILEIRAS:**

análise inicial sobre as políticas de mobilidade internacional da USP e do Programa
Ciências Sem Fronteira entre 2011 e 2019

**ÁFRICA Y LA INTERNACIONALIZACIÓN ACADÉMICA EN LAS
UNIVERSIDADES BRASILEÑAS:**

análisis inicial de las políticas de movilidad internacional de la USP y del Programa
Ciencia Sin Fronteras entre 2011 y 2019

**AFRICA AND ACADEMIC INTERNATIONALIZATION IN BRAZILIAN
UNIVERSITIES:**

initial analysis of USP's international mobility policies and the Science Without Borders
Program between 2011-2019

Celso Luiz de Oliveira Junior¹

Sheila Perina de Souza²

RESUMO:

Este ensaio tem como objetivo apresentar reflexões e análises quantitativas e qualitativas sobre a mobilidade acadêmica entre as universidades brasileiras e suas relações com universidades de países africanos durante o processo de internacionalização na década de 2010. O foco recai especialmente sobre a Universidade de São Paulo (USP) e sua Faculdade de Educação. Analisamos dados relacionados à mobilidade acadêmica proporcionada pelo Programa Ciência sem Fronteiras (2011-2017), assim como as bolsas de intercâmbio para pós-graduação em universidades federais, e examinamos os indicadores de internacionalização da USP. Nossas reflexões emergem da nossa experiência como pesquisadores afro-brasileiros que realizaram

¹ Mestrando em Antropologia Social - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo.

² Doutora em Educação - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e Universidade Pedagógica de Maputo.



intercâmbios em países africanos, incluindo a África do Sul, Angola e Moçambique, entre 2014 e 2019. Como resultados, identificamos um número significativamente baixo de mobilidade e convênios com instituições africanas em comparação com aqueles estabelecidos com instituições norte-americanas e europeias. No âmbito do Programa Ciência sem Fronteiras, menos de 1% das mais de 90 mil bolsas concedidas foram destinadas ao continente africano, com a África do Sul sendo o único destino. Na USP, das 42 unidades de ensino e pesquisa, apenas 5 mantinham convênios com universidades africanas. Entretanto, destacamos a Faculdade de Educação da USP, que tem promovido um modelo de internacionalização ativo e silencioso, conforme definido por Costa e Barzotto (2022), favorecendo relações com países africanos. Identificamos a presença marcante do racismo epistêmico na internacionalização acadêmica brasileira, evidenciada pela preferência, valorização e financiamento desproporcionais da mobilidade acadêmica com instituições europeias em detrimento das universidades africanas. Esse fenômeno perpetua uma desigualdade estrutural que limita não apenas a valorização dos saberes de diferentes tradições e contextos, mas também o potencial para uma troca de conhecimentos frutífera entre nações com experiências próximas e possibilidades de contribuições mutuamente enriquecedoras.

Palavras-chave: Internacionalização. África. Intercâmbio. Cooperação Acadêmica. Ciência Sem Fronteiras.

ABSTRACT:

The aim of this essay is to present quantitative and qualitative reflections and analyses on academic mobility between Brazilian universities and their relations with universities in African countries during the process of internationalization in the 2010s. The focus is particularly on the University of São Paulo (USP) and its Faculty of Education. We analyzed data related to academic mobility provided by the Science without Borders Program (2011-2017), as well as postgraduate exchange grants at federal universities, and examined USP's internationalization indicators. Our reflections emerge from our experience as Afro-Brazilian researchers who undertook exchanges in African countries, including South Africa, Angola and Mozambique, between 2014 and 2019. As a result, we identified a significantly low number of mobility and agreements with African institutions compared to those established with North American and European institutions. Under the Science without Borders Program, less than 1% of the more than 90,000 scholarships awarded went to the African continent, with South Africa being the only destination. At USP, of the 42



teaching and research units, only 5 had agreements with African universities. However, we highlight USP's Faculty of Education, which has promoted an active and silent model of internationalization, as defined by Costa and Barzotto (2022), favouring relations with African countries. We identified the marked presence of epistemic racism in Brazilian academic internationalization, evidenced by the disproportionate preference, appreciation and funding of academic mobility with European institutions to the detriment of African universities. This phenomenon perpetuates a structural inequality that limits not only the appreciation of knowledge from different traditions and contexts, but also the potential for a fruitful exchange of knowledge between nations with close experiences and possibilities for mutually enriching contributions.

Keywords: Internationalization. Africa. Academic Exchanges. Academic cooperation. Science without Borders Program.

RESUMÉN:

El objetivo de este ensayo es presentar reflexiones y análisis cuantitativos y cualitativos sobre la movilidad académica entre universidades brasileñas y sus relaciones con universidades de países africanos durante el proceso de internacionalización en la década de 2010. La atención se centra particularmente en la Universidad de São Paulo (USP) y su Facultad de Educación. Analizamos datos relacionados con la movilidad académica proporcionada por el Programa Ciencia sin Fronteras (2011-2017), así como becas de intercambio de posgrado en universidades federales, y examinamos los indicadores de internacionalización de la USP. Nuestras reflexiones surgen de nuestra experiencia como investigadores afrobrasileños que realizaron intercambios en países africanos, incluyendo Sudáfrica, Angola y Mozambique, entre 2014 y 2019. Como resultado, identificamos un número significativamente bajo de programas y acuerdos de movilidad con instituciones africanas en comparación con los establecidos con instituciones norteamericanas y europeas. En el marco del Programa Ciencia sin Fronteras, menos del 1% de las más de 90.000 becas concedidas se destinaron al continente africano, siendo Sudáfrica el único destino. En la USP, de las 42 unidades de docencia e investigación, sólo 5 tenían acuerdos con universidades africanas. Sin embargo, destacamos la Facultad de Educación de la USP, que ha promovido un modelo activo y silencioso de internacionalización, tal como lo definen Costa y Barzotto (2022), favoreciendo las relaciones con países africanos. Identificamos la marcada presencia del racismo epistémico en la internacionalización académica brasileña, evidenciada por la desproporcionada preferencia, valorización y financiación de la movilidad académica con instituciones



europas en detrimento de las universidades africanas. Este fenómeno perpetúa una desigualdad estructural que limita no sólo la valorización de conocimientos de diferentes tradiciones y contextos, sino también el potencial de un fructífero intercambio de conocimientos entre naciones con experiencias cercanas y posibilidades de contribuciones mutuamente enriquecedoras.

Palabras clave: Internacionalización. África. Intercambios. Cooperación académica. Ciencia sin fronteras.

INTRODUÇÃO

Este ensaio tem como objetivo apresentar reflexões e análises quantitativas e qualitativas sobre a mobilidade acadêmica entre as universidades brasileiras, com especial ênfase na Universidade de São Paulo (USP) e suas relações com universidades de países africanos, no contexto do processo de internacionalização ocorrido na década de 2010. Nosso interesse por essa temática emerge de nossa experiência como pesquisadores negros, durante a graduação e a pós-graduação na USP, com intercâmbios em universidades da África do Sul, Angola e Moçambique. Essas vivências ricas nos permitiram experimentar diretamente o potencial da internacionalização em países africanos e observar de perto o baixo financiamento e a pouca prioridade atribuída aos intercâmbios com esses países. Em contraste, notamos que instituições de outras regiões, especialmente na Europa e na América do Norte, recebem muito mais oportunidades e apoio para tais iniciativas.

Para refletir sobre essa temática inicialmente, exploramos os discursos de autoridades do meio universitário brasileiro, como reitores e ex-reitores, nos quais observamos a inter-relação entre os termos "diversidade" e "internacionalização". Em seguida, propomos uma análise crítica do texto "USP busca novos patamares de internacionalização", estabelecendo um diálogo com o conceito de racismo epistêmico. Posteriormente, examinamos os principais destinos dos intercambistas brasileiros, focando nos dados relativos à mobilidade acadêmica proporcionada pelo programa Ciência sem Fronteiras (2011-2017), assim como nas bolsas de intercâmbio

para pós-graduação em universidades federais, conforme apresentados no relatório "*A Internacionalização na Universidade Brasileira: Resultados do Questionário Aplicado pela CAPES*" (2017).

Finalmente, aprofundamos nossa análise sobre os dados de internacionalização da USP, disponibilizados pela Agência USP de Cooperação Acadêmica Nacional e Internacional (AUCANI). Especial atenção é dada à Faculdade de Educação, que se destaca como uma das poucas unidades da USP a promover ativamente a cooperação acadêmica com países africanos, contrastando com a tendência geral de priorização de relações com instituições europeias e norte-americanas.

1. INTERNACIONALIZAÇÃO, DIVERSIDADE E O CONTINENTE AFRICANO

Durante o levantamento de materiais sobre as políticas de internacionalização em instituições acadêmicas brasileiras, constatamos que a inter-relação entre os termos "diversidade" e "internacionalização" é frequentemente destacada, especialmente nos discursos de autoridades universitárias. Esse vínculo é reiterado ao se analisarem as argumentações e justificativas promovidas no contexto acadêmico brasileiro.

Em 2006, o Prof. Adolpho José Melfi, ex-reitor da USP (2001-2005), destacou que a globalização predatória havia gerado profundas desigualdades entre os povos e agravado a pobreza no mundo. Segundo ele, para que as universidades desempenhem um papel na mitigação ou eliminação desses efeitos perversos, é imperativo que a internacionalização seja intrinsecamente vinculada à promoção da diversidade. Ele afirmou:

Não existe a menor dúvida de que a busca pela excelência, em um mundo cada vez mais globalizado, deve necessariamente passar pela cooperação internacional, a qual somente será bem-sucedida e atingirá os objetivos propostos se todos os segmentos envolvidos nas atividades de cooperação conseguirem tratar adequadamente a diversidade, seja ela cultural, religiosa, social ou econômica (Melfi, 2006, p. 57).

Outro exemplo do uso do termo "diversidade" pode ser observado em 2010, durante a cerimônia de posse do diretor eleito do Instituto de Matemática e Estatística da USP (IME), o Prof. João Grandino Rodas. Na ocasião, Rodas, que à época ocupava o cargo de reitor da Universidade (2010-2013), ao debater sobre a importância do investimento na internacionalização acadêmica, uma das marcas de sua gestão, afirmou: *"Universidade sem diversidade, realmente, é algo impossível, porque seria monótono, pasteurizado, e não seria o lugar para o celeiro de discussões, ideias e descobertas"*.³

Em 2013, a Profa. Suely Vilela, ex-reitora da USP (2005-2009), que à época coordenava o Núcleo Internacional da USP em São Paulo, órgão criado pelo então reitor João Grandino Rodas, comentou sobre o processo de internacionalização no qual a USP estava investindo: *"O convívio com a diversidade cultural e científica que uma experiência internacional propicia certamente incentivará a formação multicultural e profissional de estudantes e professores"*.⁴

Na mesma perspectiva, em 2019, dez anos após as primeiras investidas em Internacionalização acadêmica como políticas institucionais com caráter mais aprofundado por parte da USP, os três reitores das três universidades públicas paulistas (USP, UNICAMP e UNESP) afirmaram, em uma matéria divulgada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), que o principal objetivo da internacionalização seria a consolidação de um ambiente internacional acadêmico. Segundo eles, essa estratégia melhoraria a diversidade e a qualidade das

³ Sala de Imprensa. Pensar na internacionalização, sem esquecer os problemas de ensino da sociedade, é meta do diretor do IME. 27/04/2010. <<https://jornal.usp.br/?p=1606>> <<https://jornal.usp.br/institucional/press-release/pensar-na-internacionalizacao-sem-esquecer-os-problemas-de-ensino-da-sociedade-e-meta-do-diretor-do-ime/>>

⁴ Por João Vitor Oliveira. USP busca novos patamares de internacionalização. Edição 150 _ Junho de 2013. <<http://www.usp.br/espacoaberto/?materia=usp-busca-novos-patamares-de-internacionalizacao>>

pesquisas⁵. Tal afirmação ocorreu durante o São Paulo School of Advanced Science on Science Diplomacy and Innovation Diplomacy, evento organizado pelo Instituto de Relações Internacionais da USP, que teve como um dos objetivos incentivar a diplomacia acadêmica/científica, promovendo intercâmbios e parcerias entre pesquisadores, universidades e institutos de pesquisa.

No mesmo evento, conforme a matéria publicada pela FAPESP, o Prof. Dr. Marcelo Knobel, então reitor da Unicamp, destacou que a principal motivação para estreitar a colaboração com estudantes e pesquisadores estrangeiros era a oportunidade de realizar trabalhos colaborativos com visões e ideias de diferentes origens. Ele exemplificou essa visão apresentando experiências de trabalhos colaborativos com imigrantes refugiados do Haiti.

A partir dos exemplos observados acima, podemos inferir que o termo "diversidade" tem sido frequentemente utilizado por figuras de autoridade no meio acadêmico ao tratar da internacionalização acadêmica e da pesquisa científica. E segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, "diversidade" refere-se à qualidade do que é diverso, diferente, variado; um conjunto variado, multiplicidade.

Compreendendo a diversidade como algo relacionado à multiplicidade, podemos depreender que uma internacionalização que contemple a diversidade é aquela que estabelece parcerias com uma multiplicidade de nacionalidades, permitindo o desenvolvimento de cooperações e pesquisas sob um viés múltiplo. No entanto, apesar dos discursos que relacionam internacionalização e diversidade,

⁵ 29/08/19 - Internacionalização das universidades aumenta a qualidade das pesquisas, defendem reitores.

<https://www.investe.sp.gov.br/noticia/internacionalizacao-das-universidades-aumenta-a-qualidade-das-pesquisas-defendem-reitores/>

ver também: Maria Fernanda Ziegler | Agência FAPESP. Internacionalização das universidades aumenta a qualidade da pesquisa, defendem reitores. 29 de agosto de 2019.

<<https://agencia.fapesp.br/internacionalizacao-das-universidades-aumenta-a-qualidade-da-pesquisa-defendem-reitores/31330>>

observa-se que a internacionalização realizada nas universidades brasileiras, especialmente na USP, nos últimos anos, não tem se caracterizado por uma relação igualitária com todos os continentes, o que compromete a sua diversidade. Dessa forma, propomos uma análise sobre como a Universidade de São Paulo aborda a diversidade na internacionalização e de que modo essa prática abrange a pluralidade do continente africano.

2. A INTERNACIONALIZAÇÃO NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Em 2013, a USP lançou o Programa USP Internacional, que estabeleceu escritórios (núcleos de internacionalização) no exterior como parte de uma estratégia para consolidar parcerias com instituições de ensino superior, setores empresariais, e organizações governamentais e não governamentais em diferentes regiões do mundo. Esses núcleos de internacionalização foram concebidos como agentes irradiadores, localizados “em pontos geograficamente estratégicos do globo”, abrangendo “todos os continentes” e destinados a “promover a integração acadêmica, científica e cultural uspiana com a comunidade estrangeira”⁶, conforme descrito na matéria “USP busca novos patamares de internacionalização”⁷.

Embora a proposta seja ambiciosa ao buscar interações em todos os continentes, levantamos questionamentos sobre a escolha das localizações dos escritórios responsáveis pela interação com instituições africanas. De acordo com a Resolução Nº 6518, de 25 de março de 2013, foram criados quatro escritórios: em São Paulo, Boston, Londres e Singapura. Os países da África Subsaariana ficaram sob a responsabilidade do escritório em São Paulo, enquanto os países do Norte da África foram atribuídos ao escritório em Londres.

⁶USP busca novos patamares de internacionalização

<http://www.usp.br/espacoaberto/?materia=usp-busca-novos-patamares-de-internacionalizacao>

⁷ <https://www.usp.br/espacoaberto/?materia=usp-busca-novos-patamares-de-internacionalizacao>

A decisão de situar o escritório para o vasto continente africano em São Paulo, do outro lado do Atlântico, e em Londres, capital de uma antiga potência colonizadora, sugere que as relações com os países africanos não eram, de fato, uma prioridade. Essa escolha geográfica reflete uma abordagem que, ao focar em uma internacionalização mais restrita, compromete a diversidade que se pretendia alcançar, especialmente quando se trata do continente africano.

Outro ponto que merece destaque, ainda na matéria “USP busca novos patamares de internacionalização”, são as marcações feitas nos discursos das autoridades, que indicam as parcerias almejadas. Ao analisarmos essas falas, percebemos um padrão de “nivelamento” ao priorizar parcerias com instituições reconhecidas internacionalmente, como evidenciado em expressões como “*a busca por sistemas educacionais competitivos em relação à tecnologia e inovação*” (Ciência sem Fronteiras) e “*a USP vem perseguindo a modernidade e a internacionalização*” (João Grandino Rodas, ex-reitor da USP). Esse enfoque, que parece filtrar as relações internacionais com base em um paradigma ocidental de excelência, ignora ou marginaliza certas regiões, como o continente africano, que muitas vezes sequer são mencionadas ou aparecem como “não especificadas”.

Esse exemplo nos remete à reflexão do sociólogo Aníbal Quijano sobre a colonialidade, onde um dos mecanismos de dominação é o racismo epistêmico – a desqualificação da subjetividade e de seus produtos intersubjetivos e materiais, regulada por certas autoridades e instrumentos sociais (Quijano, 2010). De acordo com Maldonado-Torres (2007), o racismo epistêmico refere-se à maneira como certos sistemas de conhecimento e instituições privilegiam uma perspectiva cultural ou racial em detrimento de outras, marginalizando ou desvalorizando o conhecimento produzido por determinadas comunidades ou regiões.

A internacionalização das universidades, muitas vezes, reproduz e reforça essas hierarquias de conhecimento, perpetuando a ideia de que apenas certas instituições,



geralmente ocidentais, são capazes de produzir conhecimento de alto nível, modernidade e inovação. Isso resulta na exclusão das universidades africanas e de outras regiões não ocidentais do diálogo acadêmico global e da produção de conhecimento reconhecido internacionalmente.

A hierarquização de saberes tem implicações profundas para a internacionalização acadêmica. Ao priorizar o conhecimento de grupos dominantes, cria-se uma barreira para a verdadeira colaboração e intercâmbio entre diferentes tradições e epistemologias. Isso limita a capacidade das instituições de ensino superior de explorar e integrar a diversidade de perspectivas globais, resultando em uma visão do mundo eurocêntrica e racista.

3. O RACISMO EPISTÊMICO E OS PRINCIPAIS DESTINOS DOS INTERCAMBISTAS BRASILEIROS

A busca por conhecimento transcende fronteiras e culturas, impulsionando milhares de estudantes brasileiros a participarem de programas de intercâmbio em todo o mundo. No entanto, por trás dessa busca aparentemente universal por aprendizado e experiência internacional, existe um fenômeno frequentemente ignorado: o racismo epistêmico. Esse fenômeno revela uma disparidade gritante na forma como os destinos dos intercambistas brasileiros são financiados e priorizados. Apesar do discurso global sobre diversidade e inclusão, a África—um continente rico em história, cultura e conhecimento—é muitas vezes negligenciada e subestimada nas políticas e práticas de intercâmbio.

Para análise dos destinos dos intercambistas brasileiros, primeiramente, direcionamos nosso foco para os dados relativos à mobilidade acadêmica através do programa Ciência sem Fronteiras (2011-2017), bem como às bolsas de intercâmbio para pós-graduação em universidades federais, conforme apresentados no relatório "A Internacionalização na Universidade Brasileira: Resultados do Questionário Aplicado

pela CAPES" (2017). Por último, examinamos os dados de internacionalização da Universidade de São Paulo, disponibilizados pela Agência USP de Cooperação Acadêmica Nacional e Internacional (AUCANI). Essas fontes oferecem uma visão abrangente e fundamentada sobre os padrões e as tendências da mobilidade acadêmica no contexto brasileiro, contribuindo significativamente para nossa compreensão do panorama atual e das lacunas a serem abordadas.

O programa "Ciência sem Fronteiras" (2011-2017) foi criado para incentivar e subsidiar intercâmbios acadêmicos no exterior. No site do programa, mantido pelo Governo Federal Brasileiro, é informado que o objetivo do programa era manter contato com sistemas educacionais competitivos em tecnologia e inovação. Em outra página, intitulada "Países e Parceiros"⁸, o texto afirma que o programa possui acordos e parcerias com diversas instituições de ensino, programas de intercâmbio e institutos de pesquisa ao redor do mundo. Entretanto, ao analisar os dados disponíveis no site do Programa referentes às bolsas concedidas entre 2011 e 2014, observamos uma forte tendência de interação com países considerados "centrais". Menos de 2% das mais de 93.114 bolsas concedidas foram dedicadas a países "não especificados".

Tabela 1: Bolsas de estudos concedidas entre 2011 e 2014

Continente/região	Bolsas	%
Europa	39.327	42,24
América do Norte	28.090	30,17
Oceania	11.714	12,58
Ásia	12.662	13,60
<i>não especificado</i>	1.321	1,42
Total	93.114	

Fonte: MEC - Compilação: Oliveira Junior e Souza (2024)

⁸<http://csf-adm.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/pos-graduacao22>

Podemos observar essa mesma tendência ao examinar as páginas dedicadas aos "países parceiros"⁹, que destacam os destinos incentivados pelo programa Ciência sem Fronteiras. Entre os mais de 30 países selecionados como principais destinos, chama a atenção à ausência completa de qualquer país do continente africano ou sul-americano. Essa escolha reflete uma clara priorização de determinadas regiões, reforçando um viés que marginaliza a África e a América do Sul, apesar da riqueza intelectual e cultural dessas regiões.

Tabela 2: Países parceiros do Programa Ciências Sem Fronteira

Continente	Quantidade
Europa	21
América do Norte	2
Ásia	5
Oceania	2
Outros não especificados	1
Oriente Médio	1

Fonte: MEC - Compilação: Oliveira Junior e Souza (2024)

Ao avaliarmos o Decreto 7642 de 2011, que instituiu o Programa Ciência sem Fronteiras (CSF), observamos no artigo segundo, item 3, a descrição de um dos objetivos: "criar oportunidade de cooperação entre grupos de pesquisa brasileiros e estrangeiros de universidades, instituições de educação profissional e tecnológica e centros de pesquisa de reconhecido padrão internacional." O termo "*de reconhecido padrão internacional*" chamou nossa atenção por sugerir um critério seletivo na escolha das instituições parceiras, refletindo uma hierarquia epistemológica. Esse critério implica uma valorização desproporcional das perspectivas e metodologias

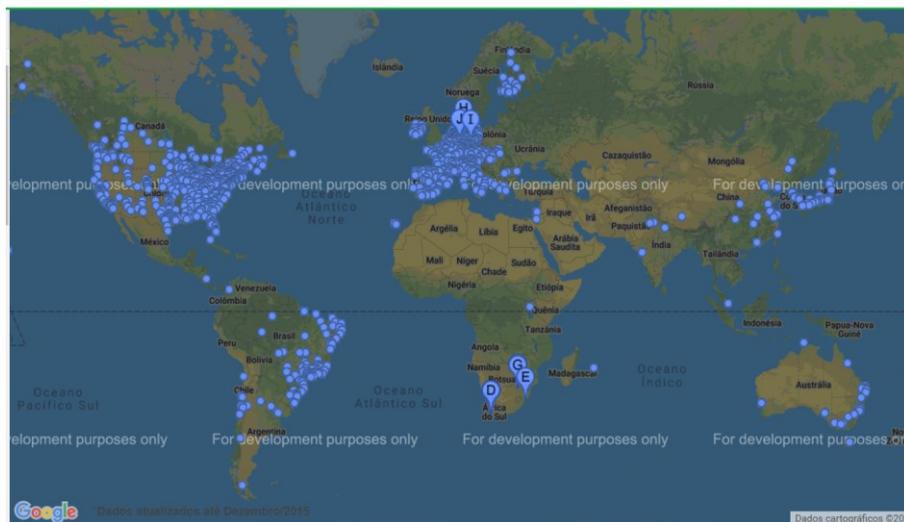
⁹<https://www.gov.br/cnpq/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/ciencia-sem-fronteiras/paises-e-parceiros>

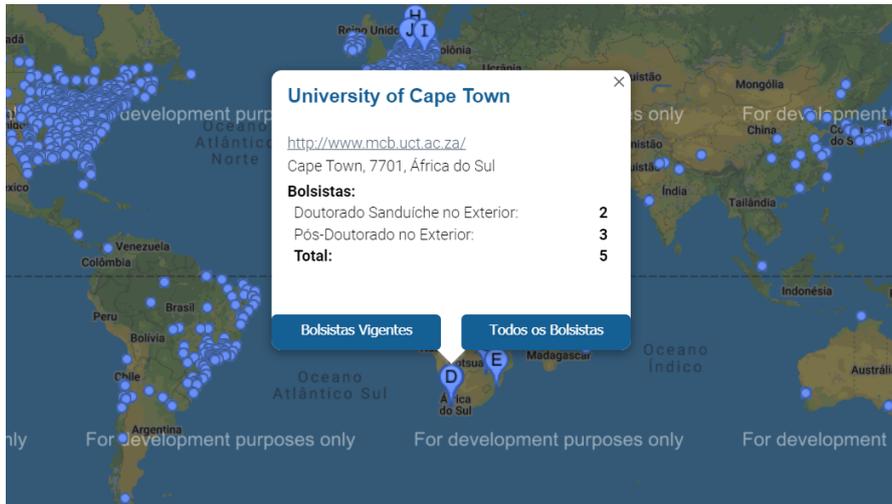
originadas em instituições e países ocidentais, frequentemente em detrimento dos conhecimentos desenvolvidos em contextos não ocidentais.

Em outra página, mais gráfica e interativa, é possível selecionar um país e verificar quantos bolsistas e quais são as instituições envolvidas na mobilidade. Ao realizar esse exercício, identificamos apenas a África do Sul como país africano que teve alguma interação com o Programa (CSF). No total, foram registradas apenas 16 bolsas, representando menos de um por cento das mais de 90 mil bolsas concedidas.

Em outro cenário, mas mantendo os objetivos, examinamos o documento “A Internacionalização na Universidade Brasileira: Resultados do Questionário Aplicado pela CAPES” (2017). Os resultados mostram que a maioria das bolsas de intercâmbio para pós-graduação foi destinada a alunos que se deslocaram para universidades dos Estados Unidos, Portugal e França. O relatório cita apenas dois países latino-americanos (Argentina e México) e, entre os BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), apenas a China foi mencionada. Nenhum país africano foi incluído.

Imagem 1: Distribuição das mobilidades acadêmicas (Fonte: CAPES, 2017)





Em uma escala menor, analisamos os dados de internacionalização da Universidade de São Paulo, disponibilizados pela Agência USP de Cooperação Acadêmica Nacional e Internacional (AUCANI). Entre 2012 e 2019, as instituições localizadas em países do eixo centro-ocidental foram as preferidas pelos estudantes de graduação que realizaram mobilidade acadêmica, representando quase 90% do total. Em 2019, os destinos mais procurados pelos alunos de graduação foram Alemanha, França, Itália, Portugal, Estados Unidos e Espanha.

Tabela 3: Alunos de graduação da USP no exterior entre 2012 e 2019

Fonte: AUCANI - Compilação: Oliveira Junior e Souza (2024)

Continente / Região	Quantidade no exterior	%
Europa - ocidental	15.498	72,03
América Anglo Saxônica	3.445	16,01
Oceania	946	4,40
Ásia	735	3,42
Europa - leste	436	2,03
América latina	344	1,60
Eurásia	49	0,23
África Subsaariana	45	0,21
Oriente Médio	10	0,05
não declarado	7	0,03
<p>Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS Unidade Universitária de Campo Grande</p>		
África	1	0,01

A instituição também disponibiliza no site da AUCANI os convênios vigentes em 2020 por unidade. Os países com o maior número de convênios com as unidades da USP, são França, Portugal, Espanha, Estados Unidos e Itália. Constatamos que das cinquenta unidades que têm convênios com universidades estrangeiras apenas doze têm convênios com universidades africanas.

Observamos que mesmo em unidades que têm um número alto de convênios quando comparado com as demais muitas não tinham nenhum convênio com universidades africanas. É o caso da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária que apesar de totalizar 101 convênios assinados nenhum é com uma instituição africana. Outro exemplo é a Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos da Universidade de São Paulo, localizada na cidade de Pirassununga, mesmo com mais de 80 convênios com instituições estrangeiras, nenhuma é africana. A Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, campus da zona leste de São Paulo, que ficou conhecida por seu caráter social, também ainda não havia assinado nenhum convênio com uma instituição africana. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP, que conta com cursos de história, letras e geografia também está nesta lista de instituições que não têm convênios com as universidades do continente mãe.

Entre as unidades da USP que têm convênio, o cenário não é muito animador, das 42 unidades de ensino e pesquisa, apenas 5 têm convênios com universidades africanas. A Reitoria da USP, que é a unidade com mais convênios, totalizando 248, tinha convênio com apenas uma universidade africana, no Marrocos. O Instituto de Relações Internacionais da USP, só tem convênio com a África do Sul, com a Stellenbosch University e a University of The Witwatersrand. A Faculdade de Medicina tem convênio apenas com Moçambique, com a Faculdade de Medicina - Universidade Eduardo Mondlane e Universidade Lúrio.

Entre as universidades com mais convênios com instituições africanas está a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas-FFLCH que dos seus cento e dezessete convênios, assinou sete convênios com universidade africanas, a saber a África do Sul, Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Nesse cenário, também se destaca a Faculdade de Educação - FE dos sessenta convênios, oito são com instituições de Angola e Moçambique.

Entre 2014 e 2018, houve um aumento de atividades acadêmicas e parcerias entre a FE-USP e universidades angolanas e moçambicanas. Inclusive nossos intercâmbios foram realizados durante esse período. Nesse sentido, propomos agora um breve olhar para essa unidade da Universidade de São Paulo.

4. A INTERNACIONALIZAÇÃO NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO (USP)

No caso da Universidade de São Paulo, uma das exceções que pudemos verificar em relação ao estabelecimento de parceria com os países africanos foram os processos de internacionalização investidos pela Faculdade de Educação. A constatação desses processos se tornou observável ao longo de nossa formação, momento em que estivemos envolvidos em cooperações acadêmicas com países africanos por meio de grupos de pesquisa, eventos acadêmicos e mobilidade acadêmica que nem sempre são evidenciados pelos documentos oficiais.

Costa e Barzotto (2022) alertam para a dificuldade das agências governamentais em mapear as atividades de pesquisa, extensão e ensino cultivadas nas parcerias entre o Brasil e o continente africano. Esse fenômeno é denominado pelos autores como "internacionalização ativa e silenciosa", compreendido como a existência de parcerias com a América do Sul, Caribe ou África que, por vezes, não são adequadamente consideradas e mensuradas pelas agências nacionais. No sentido de lançar luz para essas parcerias, abaixo citamos algumas iniciativas que fizemos parte.

No início da década, em setembro de 2010, foi aprovado e assinado o convênio de cooperação acadêmica entre a Universidade Lueji A'Nkonde (ULAN) e a Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), conforme relatado por Izar (2016). Essa parceria foi financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O convênio foi idealizado e coordenado pelo Prof. Dr. Roberto da Silva e pelo vice-coordenador, Prof. Dr. Valdir Heitor Barzotto, pela FEUSP. Pelo lado de Angola, a coordenação foi realizada pelo Prof. Dr. Alfredo Armando Manuel e o vice-coordenador foi o Prof. Dr. Augusto Chipombela pela ULAN.

Essa cooperação abrangeu o Minter Mestrado Interinstitucional, um programa de apoio e fomento criado pela CAPES com o objetivo de formar novos mestres. O MINTER previa um mestrado conduzido pela Faculdade de Educação-USP nas dependências da Universidade Lueji A'Nkonde. Após inúmeras ações ao longo de seis anos, em 2016 o MINTER foi interrompido por falta de financiamento por parte das agências de fomento. No entanto, em 2018, a Escola Superior Pedagógica da Lunda Norte, vinculada à ULAN, abriu a primeira turma do curso de Mestrado em Educação com a participação de docentes brasileiros que faziam parte do projeto original do Minter (Costa e Barzotto, 2022).

Deste convênio surgiu o GEPÊULAN, o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação da Universidade Lueji A'Nkonde (ULAN) de Angola, com sede na Faculdade de Educação da USP. O grupo congrega professores, doutorandos, mestrandos e graduandos das duas instituições. Ao longo de nossa graduação, fizemos parte desse grupo e nossas mobilidades acadêmicas a Angola em 2014 e 2018 (Sheila Perina de Souza) e 2019 (Celso Luiz de Oliveira Junior) foram frutos das ações desenvolvidas no GEPÊULAN.

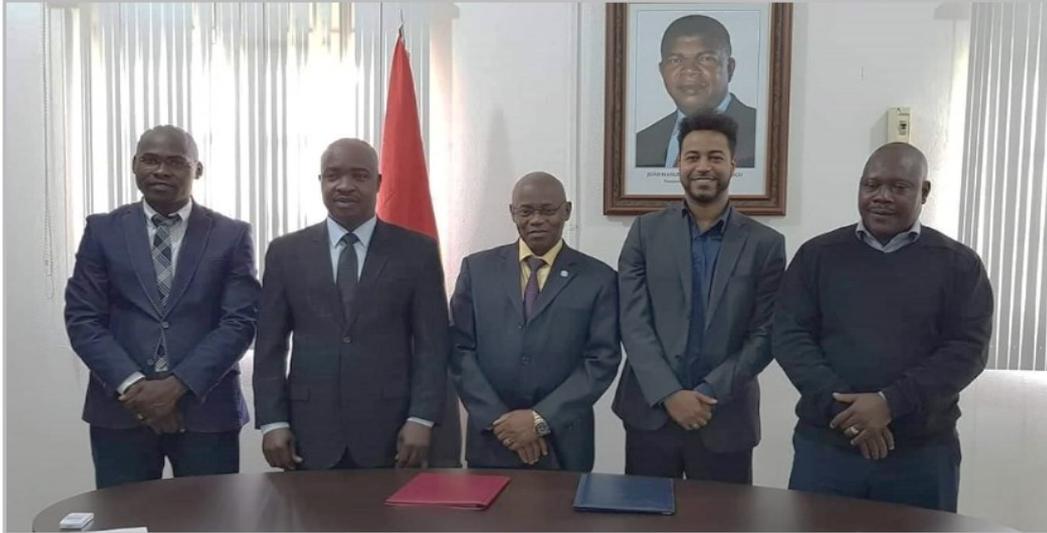
Durante a estadia na Universidade Lueji A'Nkonde, além da participação em aulas de graduação e pós-graduação, visitas a museus e escolas e pesquisa de campo, também tivemos a oportunidade de ministrar palestras e minicursos na universidade.

Destacamos o papel de Celso Luiz de Oliveira Junior na aproximação da universidade angolana com a FFLCH-USP, o que resultou no primeiro convênio com uma instituição de ensino superior angolana após 85 anos de existência.

A seguir, um breve registro da cerimônia de assinatura do convênio de cooperação acadêmica internacional entre a Universidade Lueji A'nkonde e a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP.

O evento ocorreu na Escola Superior Pedagógica (ESP), localizada na cidade do Dundo, sede da universidade e capital da província de Lunda Norte, no dia 5 de junho. A cerimônia contou com a presença do reitor da ULAN, Carlos Pedro Cláver Yoba; do vice-reitor para a Área Científica e Pós-Graduação, Alfredo Armando Manuel; do vice-reitor para a Área Acadêmica, Gilberto Caimbo Nhongola; dos decanos da ESP e da Escola Politécnica, Jorge Dias Veloso e Fidel Manassa, respectivamente, que ocupam cargos equivalentes ao de diretor de Unidade na USP; além de funcionários. A FFLCH foi representada por Celso Luiz de Oliveira Jr., que levou a documentação do convênio em meio à sua bagagem durante sua mobilidade em Angola.

**Imagem 2: assinatura do convênio internacional ULAN-
FFLCH¹⁰**



Cerimônia de assinatura do convênio (Da esq. p/ dir.) O decano da ESP, Jorge Dias Veloso; o vice-reitor da ULAN, Alfredo Armando Manuel; o reitor da ULAN, Carlos Pedro Cláver Yoba; o aluno de Geografia Celso Oliveira Jr.; e o outro vice-reitor da ULAN presente na cerimônia, Gilberto Caimbo Nhongola – Foto: Milka Kaombe Morais Bandula / ULAN

No contexto dos convênios estabelecidos pela Faculdade de Educação da USP (FE-USP), a partir de 2015, sob a presidência do Professor Valdir Heitor Barzotto, destacam-se tanto a renovação do convênio com a Universidade Lueji A'nkonde em 2016 quanto a assinatura de novos acordos com outras instituições de ensino superior em Angola e Moçambique. Essas iniciativas representam um esforço significativo para fortalecer as relações acadêmicas e promover a cooperação internacional, expandindo as oportunidades de intercâmbio e colaboração de maneira mais inclusiva e abrangente.

Tabela 4: convênios da FEUSP com Universidades africanas (2014-2017)

Universidade	País	Data - assinat. do convênio
--------------	------	-----------------------------

¹⁰Fonte: publicação do website da FFLCH em 12/06/2019 - “FFLCH formaliza seu primeiro convênio com uma universidade angolana” <<https://www.ffmpeg.usp.br/1449>>

Faculdade de Ciências da Educação e Psicologia da Universidade Pedagógica de Moçambique	Moçambique	07/11/2016
Universidade Lueji A'Nkonde	Angola	26/08/2015
Instituto Superior de Ciências da Educação do Cuanza-Sul da Universidade Katavala Bwila	Angola	19/10/2016
Escola Superior Pedagógica do Bengo	Angola	26/05/2017
Escola Superior Pedagógica da Universid. Mandume Ya Ndemufayo	Angola	13/07/2017
Universidade Eduardo Mondlane	Moçambique	13/07/2017

Fonte: Website da FEUSP - Compilação: Oliveira Junior e Souza (2024)

Em 2018, a Universidade Pedagógica de Moçambique foi reconhecida como a instituição que mais colaborou com a FE-USP, recebendo um total de doze doutorandos para intercâmbio, além de professores para palestras, defesas e seminários. ¹¹A homenagem foi concedida ao Diretor da Faculdade de Ciências da Educação e Psicologia, Prof. Dr. Felix Mulhanga, e entregue pela professora Dra. Maurilane Biccás, coordenadora do convênio. Esse reconhecimento ressalta o compromisso mútuo com a promoção da colaboração acadêmica e o fortalecimento dos laços entre as instituições de ensino superior.

Imagem 4: Homenagem da FEUSP a UPM

¹¹<https://www4.fe.usp.br/resultado-do-iv-seminario-de-internacionalizacao-da-feusp>



Fonte : Faculdade de Educação da USP

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a exposição deste cenário, alguns fenômenos importantes emergem. A nível macro observa-se um baixo número de convênios estabelecidos e, conseqüentemente, uma relação frágil entre as instituições acadêmicas brasileiras e as africanas. Os dados apresentados sugerem que, para uma parte significativa das instituições de ensino superior e estudantes brasileiros, os países africanos são considerados menos atrativos para intercâmbios acadêmicos. Esta constatação revela não apenas uma lacuna na cooperação internacional, mas também uma oportunidade perdida para promover a troca de conhecimento e a compreensão intercultural entre os dois continentes.

Analisando especificamente o caso da USP, é evidente um número reduzido de convênios e uma escassa pluralidade de países africanos ao longo da década de 2010. Até 2020, a USP tinha convênios estabelecidos apenas com nove dos cinquenta e



quatro países do continente africano: África do Sul, Angola, Cabo Verde, Madagascar, Marrocos, Moçambique, Senegal, São Tomé e Príncipe e Togo. Este cenário de convênios limitados resulta em um número reduzido de intercâmbios. Embora a FE-USP e a FFLCH-USP se destaquem por um maior número de parcerias com países africanos, essas iniciativas surgem tardiamente em relação à longa história dessas instituições.

De forma geral, o número de mobilidades e convênios com instituições africanas é baixo em comparação com as instituições americanas e europeias. Uma hipótese é que os imaginários que circulam no Brasil, fundamentados no racismo epistêmico, contribuem para a construção da África como um local menos propício para experiências acadêmicas. Essa percepção influencia diretamente a escolha dos destinos de intercâmbio e reflete uma tendência enraizada de valorização das oportunidades acadêmicas em outros continentes, em detrimento da riqueza e das possibilidades que a África pode oferecer.

Essas imagens parecem resultar de um ciclo de desinformação contínuo, que se reforça e perpetua estereótipos e distorções sobre o continente africano. Essa desinformação é alimentada por uma produção ideológica e consciente que utiliza estereótipos e distorções sobre a África com variados objetivos de controle e exploração.

Observamos a presença significativa do racismo epistêmico na internacionalização acadêmica, manifestando-se na maneira como certos países e instituições são sistematicamente favorecidos, enquanto a capacidade epistêmica de outras universidades é desconsiderada. Esse fenômeno é sustentado por um filtro discursivo que privilegia nações associadas a conceitos de conhecimento, modernidade e inovação, frequentemente situadas no Ocidente. Em contraste, as epistemologias originadas em países africanos são frequentemente marginalizadas ou ignoradas.

A hierarquização dos saberes reflete uma desigualdade estrutural que se perpetua no cenário internacional de ensino e pesquisa. Esse viés arraigado não apenas reduz a visibilidade e a influência das instituições africanas, mas também limita o potencial de colaboração e intercâmbio genuíno entre diferentes tradições de conhecimento. O racismo epistêmico, portanto, não é apenas uma questão de desvalorização de saberes, mas também um mecanismo que reforça a exclusão e a marginalização de perspectivas valiosas que poderiam enriquecer o campo acadêmico global.

REFERÊNCIAS

Agência Fapesp. Maria Fernanda Ziegler. Internacionalização das universidades aumenta a qualidade da pesquisa, defendem reitores. 29 de agosto de 2019. . <<https://agencia.fapesp.br/internacionalizacao-das-universidades-aumenta-a-qualidade-da-pesquisa-defendem-reitores/31330>>

Brasil. Ministério da Educação. . <<http://csf-adm.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/pos-graduacao22>>

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. A Internacionalização na Universidade Brasileira: resultados do questionário aplicado pela CAPES. Brasília, DF, 2017e. Disponível em: Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/diversos/A-internacionalizacao-nas-IES-brasileiras.pdf>»

COSTA, Lucilene Soares; BARZOTTO, Valdir Heitor. **A internacionalização acadêmica entre Angola e Brasil**. In: **Quando a Pesquisa Conta**. Brasil: [s.n.], 2022.

IZAR, Juliana Gama. **O ensino superior em Angola e no Brasil: a cooperação acadêmica entre a Universidade Lueji A'Nkonde (ULAN) e a Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP)**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.48.2017.tde-10022017-132543>. Acesso em: 20 nov. 2023.

MALDONADO-TORRES, Nelson. **Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto**. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOQUEL, Ramón

(Org.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo de Hombre Editores, 2007. p. 85-124.

MELFI, Adolfo José. **Universidade, cooperação internacional e diversidade**. In: GAZZOLA, Ana Lúcia; ALMEIDA, Sandra Regina Goulart (Org.). **Universidade: cooperação internacional e diversidade**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2006. p. 57-80.

São Paulo. Internacionalização das universidades aumenta a qualidade das pesquisas, defendem reitores. 29/08/19.

<https://www.investe.sp.gov.br/noticia/internacionalizacao-das-universidades-aumenta-a-qualidade-das-pesquisas-defendem-reitores/>

Universidade de São Paulo (USP): Sala de Imprensa. Pensar na internacionalização, sem esquecer os problemas de ensino da sociedade, é meta do diretor do IME. 27/04/2010. <<https://jornal.usp.br/?p=1606>> <<https://jornal.usp.br/institucional/press-release/pensar-na-internacionalizacao-sem-esquecer-os-problemas-de-ensino-da-sociedade-e-meta-do-diretor-do-ime/>>

Universidade de São Paulo (USP): João Vitor Oliveira. USP busca novos patamares de internacionalização. Edição 150 _ Junho de 2013. <<http://www.usp.br/espacoaberto/?materia=usp-busca-novos-patamares-de-internacionalizacao>>

Data da submissão: 21/05/2024

Data do aceite: 02/07/2024